

5. Conclusão

Consolo de um progresso desesperado. – Nosso tempo dá a impressão de um estado interino; as antigas concepções do mundo, as antigas culturas ainda existem parcialmente, as novas não são ainda seguras e habituais, e portanto não possuem coesão e coerência. É como se tudo se tornasse caótico, o antigo se perdesse, o novo nada valesse e ficasse cada vez mais frágil. Mas assim ocorre com o soldado que aprende a marchar: por algum tempo ele é mais inseguro e mais desajeitado do que antes, porque seus músculos são movidos ora pelo velho sistema ora pelo novo, e nenhum deles pode declarar vitória. Nós vacilamos, mas é preciso não se inquietar por causa disso, e não abandonar as novas aquisições. Além disso, não podemos mais voltar ao antigo, já *queimamos* o barco; só nos resta ser corajosos, aconteça o que acontecer. – Apenas *andemos*, apenas saiamos do lugar! Talvez nossos gestos apareçam um dia como *progresso*; se não, que nos digam as palavras de Frederico, o Grande, a título de consolo: *Ah, mon cher Sulzer, vous ne connaissez pas assez cette race maudite, à laquelle nous appartenons* [Ah, meu caro Sulzer, você não conhece o bastante essa raça maldita à qual pertencemos.]¹

A perspectiva geral, por assim dizer, do pensamento de Nietzsche, explicitada no fragmento acima, apresenta-se como uma aposta. Nietzsche parte de seu momento histórico em direção à possibilidade de que um novo modo de pensar possa inaugurar-se a partir da situação concreta em que vive. O novo modo de pensar não representa uma teleologia. Não se pode saber ao certo que desdobramentos terá, já que, agora, o pensamento parece aplicar-se em sua dimensão particular, sem produzir regras gerais. A questão da teleologia como um princípio do funcionamento do pensamento até hoje experimentado recebe, na obra de Nietzsche, amplitude e complexidade bastantes para escaparem para fora do limite desta dissertação. Pudemos formular apenas que o princípio teleológico que postula um objetivo anterior à experiência concreta é considerado por Nietzsche como um mecanismo de conservação que concorre para a corrosão da vida dos homens. Mesmo a relação entre os mecanismos de conservação, que Nietzsche observou como constituintes da história da cultura dos homens, portanto intrínsecos à vida, e o processo de redução das potencialidades da vida humana abre para o pensamento inúmeros caminhos que não puderam ser desenvolvidos nos limites deste trabalho.

¹ HDH, p. 171.

As duas questões – a complexidade do pensamento teleológico e a relação entre conservação e corrosão – fazem parte do campo de abrangência da noção nietzschiana de vontade de poder. Com esta noção, Nietzsche introduziu em seu pensamento alguma teleologia e retirou o caráter moralista e até então restrito do pensamento acerca do progresso da civilização, no qual necessariamente se inclui a relação entre conservação e corrosão. A teoria da vontade de poder confere ao mundo seu caráter de construção cultural que se edifica no ambiente das práticas interpretativas e de seu registro na história transmitida. O registro e a transmissão da história, assim como a construção da pré-história a partir das interpretações do presente, em sua relação com a linguagem foram apenas elucidados no percurso de pensamento dessa dissertação. Apesar de constituir questão muito interessante, um estudo mais detalhado dela não fazia parte do escopo dessa dissertação de mestrado.

A noção de vontade de poder funciona como um princípio teleológico complexo na medida em que afirma que o desenvolvimento da história depende de que as interpretações venham à luz devido ao investimento de força que recebem e, por isso, tendem a se impor sobre outras interpretações. Cada interpretação, para constituir-se como tal, quer dominar: este seria o seu *télos*. Transformar o princípio teleológico de pensamento na teoria da vontade de poder o torna tão amplo que chega mesmo a escapar dos pressupostos da teleologia tradicional. A asserção de que uma interpretação deseja se impor sobre outras não permite que se crie qualquer regra a respeito do percurso do pensamento e da cultura ou de seu fim absoluto. A teoria da vontade de poder insere o pensamento na prática de sempre relançar a interpretação.

A dimensão extramoral do pensamento de Nietzsche obriga-o a tomar as produções culturais como matéria de seu próprio solo. Nietzsche dá-se perfeitamente conta de sua dívida em relação à história dos problemas que aborda e precisa incluí-las em seu novo modo de pensar. Toda a crítica nietzschiana à história da filosofia deve-se à sua necessidade de tomá-la como parte de seu próprio pensamento. A história não existe em outra esfera fora do mundo, mas está presente no modo de funcionar das consciências. Esta experiência de pensamento faz com que as interpretações que daí partem estejam sempre agonizantes, no sentido de sempre precisarem voltar-se sobre sua perspectiva para superar entraves a um novo caminho. O reconhecimento das resistências e sua inclusão como motor

de pensamento abrem a razão para outras perspectivas distintas da fé. Nietzsche explicita brutalmente que o conhecimento no qual se acredita, a fé no saber, não pode garantir o fim do mal-estar que se sente individualmente, mas que é efeito do estado da cultura. A imbricação entre o saber e a destinação para o mal-estar que se verifica na criação da má-consciência e da culpa é outra questão que se apresenta no desenvolvimento desta dissertação sem que possa aqui ser levada a elaborações de maior amplitude.

Neste trabalho, pudemos indicar que há um interesse de Nietzsche em encaminhar a questão do mal-estar para fora do ambiente moralista e que tal encaminhamento justifica e produz sua aposta na validade da discussão do problema da razão. Quando a razão baixa na cabeça dos homens, isto é, quando a palavra razão passa a designar o ato de interpretar e inclui nesse ato as resistências vividas por cada intérprete, ela torna-se parcial e decorrente da posição do intérprete em relação à sua questão. A parcialidade da razão, que agora inclui os impulsos que interpretam e não mais apenas a unidade do agente “Eu”, obriga o intérprete, em sua fragmentação, a responder por sua posição. O intérprete de alguma maneira precisa dar conta, em seus atos, dos impulsos que o levam a agir de tal maneira. Este movimento de inclusão do que outrora era tido como irracional amplia a espectro da razão, faz com que ela se torne mais crítica e mais capaz de debruçar-se sobre o novo, o diferente.

A inclusão do lugar do intérprete faz dele um agente da cultura que pode então intervir, não mais apenas reproduzir. O lugar de Nietzsche na história do pensamento o obrigou a questionar em sua filosofia essa história dentro do âmbito do destino da cultura. O pensamento em Nietzsche não é mais uma esfera isolada, mas um campo de onde partem intervenções. A mudança no modo de pensar corresponde a mudanças no modo de agir. Com seu método de pesquisa, a genealogia, Nietzsche conseguiu transportar o leitor para a falta de limite nítido entre a dimensão do pensamento e a da prática. Quando o pensamento torna-se essencialmente interpretação, as práticas ganham novo colorido. Nietzsche fez a aposta de que as práticas não são necessidades intocáveis e que sua unidade é uma interpretação que esconde meandros de sua história enquanto ainda guarda marcas desses emaranhados. Essa aposta permitiu que se pudesse escutar toda a violência necessária às práticas de conservação das forças em determinada configuração e à restrição do pensamento ao âmbito da fé, daquilo que não muda e nem permite mudanças.

O embaçamento do limite entre pensamento e ação pode ser observado nesse trabalho quando se aproximam os desenvolvimentos apresentados no primeiro e no terceiro capítulos. O primeiro analisa a criação da noção de “Ser” como tendo partido da idéia de “eu” que, depois de generalizada, habitou todas as coisas. Desta generalização pôde desenvolver-se o conhecimento filosófico, tudo pôde ser conhecido. O terceiro capítulo examina a criação do conhecimento pelo viés da prática. O mecanismo de generalização teria advindo da relação cultural mais básica, entre o devedor e o credor. Apenas porque todas as coisas deveriam receber seu valor de troca é que também as pessoas poderiam ser comparadas e desse modo, comparando-se tudo, o conhecimento ganhou hegemonia em relação a outras formas de pensar. A generalização do pensamento, por este prisma, seria a consequência de que as perspectivas de valoração mais básicas, nas quais todos os homens de algum modo participam, puderam ser generalizadas. As duas perspectivas, evidentemente, recebem forças distintas. Apesar de coexistirem, obedecem a uma hierarquia: quem tem mais força cria os valores hegemônicos. A existência dessas perspectivas co-dependentes instaura a hegemonia do saber que se pretende absoluto.

A história da razão ou, mais precisamente, a história da naturalização da razão mostra-se concomitante à história da moral. O procedimento excludente da moral e da razão metafísicas separou, criou uma barreira para o esclarecimento da necessária relação entre teoria e prática que, por sua vez, funcionou como uma resistência, como uma estaca que muitas vezes efetivou na prática tal separação. Localizo o tipo de filosofia de Nietzsche como sendo do mesmo estatuto de uma intervenção prática. A intervenção de Nietzsche na história da filosofia direciona-se para a redução da violência empregada quando se pensa e age ao modo da exclusão sistemática daquilo que representa uma inadequação ao que pregam as verdades totalizantes, mas que são produtos da hegemonia dessas mesmas verdades.

A crítica de Nietzsche à filosofia e às ciências metafísicas deve-se também à sua compreensão de que cada pensador não atua isolado, de que é preciso encontrar os outros trabalhadores que, mesmo caminhando em direções diferentes, tratam das mesmas questões e compõem juntos a história do problema. Por um lado, é bastante clara para Nietzsche sua dívida em relação à história e aos homens que nela atuaram, por outro, isto não retira o caráter de ruptura que lhe é próprio.

O trabalho de pesquisa realizado para a confecção desta dissertação abriu-me ainda uma outra questão que não pôde ser incorporada a este trabalho. Pode-se ler na obra de Nietzsche a tensão presente na relação entre a civilização e o indivíduo. A abordagem do filósofo sobre esta questão indica que há em seu pensamento uma aposta no indivíduo como agente de mudança. O indivíduo aparece na filosofia de Nietzsche como uma produção cultural que porta em si os conflitos da cultura e que sente o mal-estar deles decorrente. Por ser o portador, pode também tornar-se uma força disruptiva. A aposta no indivíduo é a aposta na possibilidade de que os conflitos e impulsos sentidos como particulares alcancem uma dimensão coletiva. Esta aposta apresenta-se também na forma pela qual Nietzsche dá à luz seus pensamentos. O trabalho de Nietzsche coloca ao leitor a responsabilidade de continuá-lo.

A eficácia do incompleto. – Assim como as figuras em relevo fazem muito efeito sobre a imaginação por estarem como que a ponto de sair da parede e subitamente se deterem, inibidas por algo: assim também a apresentação incompleta, como um relevo, de um pensamento, de toda uma filosofia, é às vezes mais eficaz que a apresentação exaustiva: deixa-se mais a fazer para quem observa, ele é incitado a continuar elaborando o que lhe aparece tão fortemente lavrado em luz e sobra, e pensá-lo até o fim e superar ele mesmo o obstáculo que até então impedia o desprendimento completo.¹¹⁶

¹¹⁶ HDH, p. 132.